

Mudar, de novo

ALEXANDRE GARCIA

Dentro de uma semana, acaba a atual legislatura. Mudam a Câmara dos Deputados e dois terços do Senado. Mudam? Tomara que sim. Quando inciou a legislatura que agora está acabando, o povo esperava que mudasse, mas ficou na mesma. Para os mais imedialistas, ficou pior.

Golbery costumava dizer que no Congresso ninguém é bobo. Que o mais bobo convenceu 30 mil pessoas a votarem nele. Mas, coletivamente analisada, a casa parece irracional. Quando derrubou Collor, o Congresso estava no auge de seu prestígio. Em seguida, deixou escapar tudo como areia entre os dedos. E na semana passada, como se tivesse alienação mental, votou primeiro seus próprios salários, depois a anistia de um de seus pares e, por último, o salário mínimo dos mais humildes trabalhadores e aposentados. Como pode alguém que tenha convencido 30 mil eleitores

ter cometido tamanha bobeira? Não seria mais inteligente ter invertido a ordem?

Os congressistas que vão embora de Brasília na tarde das quintas-feiras e só retornam nas terças, têm alegado que precisam, necessariamente, manter o contato com "as bases". Não parece, entretanto que essas bases sejam o povo. Talvez sejam as bases familiares, ou empresariais, ou mesmo suas base políticas. Não é possível que tenham tido qualquer contato com o povo os congressistas que votaram primeiro seus salários e logo depois a anistia gregoriana, para, então, tratar do salário-mínimo com o cínico voto de "o Presidente que vete".

Metade da Câmara Federal que se inaugura dia 1º é de gente nova. Alguns vão chegar cheios de idealismo; outros, já marcados pelo cinismo de um passado de deputados estaduais ou vereadores; e outros,

cheios de arrogância, imaginando-se donos do mundo. Quem está em Brasília há 20 anos conhece muito bem, esse "sic transit".

Acontece também com o Governo Federal. Os que chegam com humildade em seus corações sempre se dão bem. Itamar foi um desses. Os que chegam com arrogância em geral saem bem humilhados. Só mudam os restaurantes: foi o Gaf, depois o Tarantella-Piantella, depois o Florentino; hoje, é o Vecchia Cuccina. Os tipos são os mesmos. É o mesmo perfil psicológico para o doutor Freud se deliciar.

Por isso, quando o Presidente é vaiado no Rio, este não é um motivo para se preocupar. Ao contrário, é um fato saudável, é uma espécie de "momento homo". Porque os áulicos, embora com outros nomes, outros rostos e outros partidos, não mudam jamais.

■ Alexandre Garcia é jornalista